

BIANCHINI, F. . Os atributos iconográficos da deusa Laksmi, seu simbolismo e sua representação na dança indiana. In: ANDRAUS, M. B. M.; SOARES, M. V.; WILDHAGEN, J. P.. (Org.). Mitos e símbolos na cena contemporânea: interlocuções oriente-ocidente.. 1ed.Jundiaí: , 2014, v. 1, p. 291-318.

OS ATRIBUTOS ICONOGRÁFICOS DA DEUSA LAKSMI, SEU SIMBOLISMO E SUA REPRESENTAÇÃO NA DANÇA INDIANA

*Flávia Bianchini*¹

"Você é a essência de tudo o que existe, a verdadeira essência de toda a prosperidade. Você é a Deusa que reina soberana em êxtase, na dança rasa."

(Śrī Daivakṛta Lakṣmī Stotram, *verso 3* apud *Rhodes*, 2012, p. 143)²

A Índia possui uma impressionante cultura visual e visionária, em que os olhos têm um papel proeminente na apreensão do sagrado (Eck, 1985, p. 10). As representações dos ícones das deidades assumem um importante papel, tanto na religiosidade quanto na cultura em geral, influenciando o modo como o sagrado é concebido e transmitido nas diversas artes: a imagem de uma deidade é uma manifestação direta da divindade ali representada, por meio da qual é possível captar sua essência.

1. Graduada em Artes Plásticas e em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo, Especialista em *Yoga* pela UNIBEM. Mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: flaviabianchini@gmail.com.

2. "You are the essence of all that exists, the true essence of all prosperity. You are the Goddess, who reigns supreme in the ecstatic rasa dance" (Rhodes, 2012, p. 143). A palavra *rasa* significa essência, e descreve certas emoções ou estados fundamentais apresentados na dança, incluindo amor, riso, fúria, compaixão, aversão, terror, heroísmo e espanto.

As divindades indianas masculinas (*devas*) e femininas (*devīs*) possuem distintas representações e características iconográficas, sendo descritas em diferentes posturas corporais, com vestimentas e adornos, fazendo gestos com as mãos (*mudrās*), portando armas e objetos simbólicos em suas mãos. As imagens (*mūrtis*) dessas deidades falam com o adorador que faz parte dessa cultura por meio desse simbolismo. No contexto da dança indiana (*nr̥tya*), os mesmos significados são transmitidos por movimentos e gestos do corpo e das mãos.

A dança está inserida na cultura e espiritualidade indiana desde os primórdios dessa civilização, fato comprovado pelos diversos achados arqueológicos, pois foram encontradas estatuetas com representações de dançarinas, datando do período em torno do segundo milênio a.C. Nos templos construídos no decorrer da era cristã, há diversas representações de dançarinos e de deidades dançando, tais como Kṛṣṇa, Śiva Nāṭaraja, Lakṣmī, Gaṇeṣa, entre outras. Há, por exemplo, as representações de dança encontradas nos portais de Cidambaram e no pavilhão da dança de Konarak, em Orissa, do século XII d.C., onde se encontram imortalizadas em esculturas as principais posições da dança antiga, que se constituíram em referência para os estudiosos e artistas do século XX, na recuperação dessa forma expressiva de arte (Albanese, 2006).

Este texto analisará, no contexto da iconografia e da dança, os principais atributos associados à deusa Lakṣmī, enumerando seus gestos de mãos (*mudrās*), seus diversos símbolos, armas e adornos, desvelando seus significados e sua representação. Serão abordados, também, alguns aspectos relativos à sua mitologia.

A DEUSA LAKSMI E A DANÇA

O nome Lakṣmī significa prosperidade, sorte, sucesso, felicidade, riqueza, encanto, esplendor. Lakṣmī é a divindade

indiana da fortuna e da beleza, presente desde a mais antiga tradição dos *Vedas*. Na mitologia posterior, passou a ser considerada a esposa de Viṣṇu, ou Nārāyaṇa.

Lakṣmī e seu consorte Viṣṇu são considerados muito importantes na perspectiva da dança, principalmente devido a algumas encarnações (*avatāras*) de Viṣṇu. Segundo a mitologia hindu, ele se manifesta de tempos em tempos no mundo material sob diferentes formas, que são seus *avatāras*. Dois dos mais importantes são Rāma e Kṛṣṇa. Suas respectivas companheiras, Sītā e Rādhā, são consideradas manifestações de Lakṣmī. As histórias mitológicas das encarnações de Viṣṇu e sua consorte são representadas nos templos sob a forma de danças dramáticas, como o *kathakaḷi* (*kathākeḷi*, em sânscrito), um estilo de dança teatral que conta episódios mitológicos. O amor e a devoção de Sītā e Rādhā também constituem temas importantes na dança, simbolizando a devoção (*bhakti*) religiosa (Descutner, 2010). Nesse contexto devocional, Lakṣmī e Viṣṇu surgem representados em muitas danças conjuntas (Lakṣmī-Nārāyaṇa Nr̥tya), como as realizadas a partir de histórias ou hinos de louvor, como, por exemplo, a partir do *Gītā Govinda* (Ragini, 2002).

Em algumas regiões da Índia se realizam danças folclóricas específicas em louvor à deusa Lakṣmī, por exemplo, em Assam, onde a dança *hojagiri* (ou *hajgiri*) é realizada em honra à deusa da prosperidade, no início do novo ano, para garantir colheitas abundantes; e em regiões como Bastar (e o sul de Raipur), onde os rituais do arroz são celebrados em conexão com a deusa Lakṣmī. Em um desses rituais, por exemplo, se celebra a dança do papagaio (*suka*), uma dança da colheita realizada por agricultoras em honra a Lakṣmī. Nela, a colheita do cereal adquire riqueza ritual, pois o arroz é considerado a própria deusa Lakṣmī, estabelecendo sua conexão com o alimento, prosperidade e riqueza (Berger, Heidemann, 2013; Flueckinger, 1996).

Lakṣmī é associada a muitos símbolos e muitos conceitos diferentes. É considerada uma gloriosa deusa da prosperidade e da fertilidade; é simultaneamente associada com os atributos de beleza, riqueza, agricultura, boa sorte, sendo representada nas esculturas e pinturas com diversos símbolos que fazem alusão a esses significados.

O símbolo mais comumente associado à Lakṣmī é a flor de lótus. Muitas de suas representações iconográficas a mostram com quatro braços, segurando dois lótus e exibindo *mudrās* com as outras mãos, mas existem representações dela com dois, seis, oito ou até dezoito braços, fazendo gestos e segurando diversas armas e objetos simbólicos. São muito comuns as imagens de Lakṣmī exibindo duas flores de lótus (Figura 29), e o gesto com o qual ela as segura é denominado *kapittha mudrā* (que significa, literalmente, posição do macaco, *kapi*). Assim, Lakṣmī costuma ser representada na dança indiana com ambas as mãos em *kapittha mudrā* à altura dos ombros (Ramm-Bonwitt, 1987; Coomaraswamy, Duggirala, 2003). Nessa *mudrā kapittha*, o dedo indicador fica dobrado e toca a ponta do polegar; os demais dedos ficam apoiados na palma da mão – todos eles como se segurassem o talo da flor de lótus (Figura 29). Também é utilizada para indicar outras situações, tais como segurar pratos, ordenhar vacas, segurar flores no momento do flerte, oferecer incenso ou fogo (Coomaraswamy, Duggirala, 2003). Os outros atributos de Lakṣmī são representados por meio de diversas outras *mudrās*.

Figura 28. *Kapittha mudrā* (Temple Survey Project (N.R.), Bhopal - Archaeological Survey of India, 2013).



BREVE HISTÓRICO DA MITOLOGIA E DA ICONOGRAFIA DA DEUSA LAKSMI

A deusa Śrī ou Lakṣmī possui uma longa história, aparecendo pela primeira vez no *R̥g Veda*, no hino Śrī Sūktam – o hino de Śrī. De acordo com as análises de Madhu Bazaz Wangu, o Śrī Sūktam descreve em palavras os atributos da abundância e riqueza material das figuras de terracota do vale do Indus, provenientes das escavações de Harappa, e os associa à deusa Śrī-Lakṣmī, atribuindo a Lakṣmī o fenômeno da prosperidade, da fecundidade da terra, a associação com os grãos e a agricultura (Wangu, 2003). Nesse hino, seus atributos mais conhecidos já estavam presentes, mas a partir daí ocorreram dois desenvolvimentos paralelos na literatura posterior: um como esposa de Viṣṇu, e outro como a deusa independente e beneficente que habita na flor de lótus. Nos épicos (*Mahābhārata* e *Rāmāyana*), que são do período antes da era cristã, Lakṣmī está fortemente associada à Viṣṇu, enquanto nos *Purāṇas*, posteriores ao início da era cristã, é exaltada em um grande número de hinos com uma personalidade distinta e independente. Esse mesmo desenvolvimento paralelo se dá na escultura (iconografia) e arquitetura. Podemos encontrar suas

primeiras imagens em torno do século III a.C., em Kauśāmbī no norte da Índia, e templos distintos para Viṣṇu e Lakṣmī no século VII d.C. (Narayanan, 1996).

É na literatura do épico *Mahābhārata* que Lakṣmī é definitivamente identificada com Śrī e se torna esposa de Viṣṇu, sendo considerada um símbolo de felicidade, riqueza, prosperidade material e beleza (Gonda, 1979). Na iconografia que começa a ser criada no período épico, essa deusa passa a ser representada assentada sobre uma lótus, ou segurando uma dessas flores na mão (Ibidem, p. 380). Posteriormente, Lakṣmī se tornou uma *devī* importante, mas sem um papel significativo nos épicos.

No *Rāmāyana*, composto provavelmente entre os séculos II a.C. e II d.C., Sītā, a heroína do épico, é uma representação da deusa Lakṣmī, e seu nome significa o sulco do arado na terra, de onde nascem os alimentos. Sītā, conforme concebida nos *Vedas*, foi originalmente uma deusa da agricultura; no *ArthaŚāstra* de Kauṭilya, ela é concebida como aquela que reside nas sementes e plantas, indicando o aspecto vegetativo da divindade feminina; o *Harivamśa* diz que Sītā está ligada aos lavradores; e no *Rāmāyana*, as deusas Sītā, Pṛthivī e Śrī são os nomes dados à esposa de Rāma. No sétimo livro do *Rāmāyana*, o princípio feminino é concebido pelos *vaiṣṇavas* como a consorte de Viṣṇu na forma de Lakṣmī ou Śrī³, e com o nome de Sītā quando Rāma é identificado com Viṣṇu (Bhattacharyya, 1996). No *Rāmāyana*, Sītā é filha da Terra (*Pṛthivī*) e nasce de um sulco produzido pelo arado. Mas Sītā não é apresentada como uma *devī* com importância significativa. Por outro lado, na mitologia do *Mahābhārata*, Kṛṣṇa tem várias esposas e um grande conjunto de amantes, as *gopīs*

3. A deusa Śrī aparece inúmeras vezes no *Rāmāyana* (II.70.72, II.79.15, VI.111.89, VI.113.21, VII.9.9, VII.47.9), sendo muitas vezes chamada Hṛī, Kīrti, Lakṣmī, Bhūti (III.46.17, VII.5.31) ou outros epítetos associados à Durgā no *Mahābhārata* e no *Harivamśa* (Bhattacharyya, 1996, p. 76).

(cuidadoras das vacas), entre as quais se destaca Rādhā, na literatura posterior (*Purāṇas*); mas elas não são importantes no épico, onde o nome de Rādhā nem mesmo é citado.

Lakṣmī foi uma das poucas deusas a receber uma identidade iconográfica distinta em uma data muito antiga. Algumas representações de Lakṣmī esculpidos em relevo encontram-se em Bharhut, essas representações são esculpidas e cinzeladas em relevo em painéis retangulares e circulares. Eles possuem representações de Lakṣmī com elefantes (MathurLakṣmī), e da deusa da riqueza em pé sendo unvida com água por dois elefantes (GajaLakṣmī), em ambos os lados (Figura 30). Ela já era considerada a deusa da prosperidade e boa sorte, e sua imagem se tornou um dos temas visuais mais populares esculpidos em monumentos.

Figuras 30 a 35. Acima: Relevos esculpidos em Bharhut mostrando Lakṣmī em pé entre elefantes (GajaLakṣmī) (Pathasarthi & Parthasarthi, p. 116, 2009; Safarmer, 2013; Art and Archeology, 2013). Abaixo: Moeda do reinado de Azilises (I d.C), mostrando Lakṣmī em pé entre elefantes (GajaLakṣmī), e duas moedas Gupta com imagem de Lakṣmī assentada. (Bharatkalyan, 2013; The Coin Galleries, 2013).



A popularidade do culto da deusa Lakṣmī no século II a.C. e sua associação com riqueza e abundância é comprovada por sua representação iconográfica em moedas. Sua representação em moedas, sentada entre dois elefantes, foi encontrada em uma moeda de Kauśāmbī datada do século III a.C., e uma moeda na qual ela está em pé entre os elefantes proveniente do reinado de Azilises (I d.C.); e também aparece em outras moedas de Mathura datadas do século II a.C. No primeiro século d.C., ela aparece retratada sem os elefantes, mas sentada sobre uma flor de lótus desabrochando ou de pé com uma flor de lótus na mão (Wangu, 2003). Há referências na literatura às “deusas da cidade” e ao “touro indiano” como sendo dois tipos de moedas de Puṣkalāvati. Além dessa imagem de MathuraLakṣmī, há moedas em que ela é representada sentada ou em pé sobre uma flor de lótus (Figura 30); de pé com uma flor de lótus na mão ou, ainda, cercada por hastes floridas, em moedas pertencentes ao período entre os séculos II a.C. e II d.C. Essa representação da deusa também aparece em moedas provenientes de Kauśāmbī (século I a.C.), Ayodhyā e Ujjayinī (século I a.C. ou I d.C.) (Bhattacharyya, 1996). Bhattacharyya realizou uma extensa análise e catalogação de moedas com a mesma representação da deusa entre os elefantes, em disposições semelhantes ao lado de um alce, ou segurando flores de lótus, encontradas em diversas cidades, e todas estas moedas podem ser coletivamente datadas no período entre os séculos II a.C. e I d.C. (Bhattacharyya, 1996).

Inscrições e evidências arqueológicas sugerem que a partir do século II a.C. as deusas Lakṣmī, Sītā e Pārvati eram representadas com seus cônjuges Viṣṇu, Rāma e Śiva, respectivamente (Wangu, 2003).

Vemos então que, em suas imagens, Lakṣmī enquanto rainha dos tesouros e fonte de riqueza é uma divindade independente, sendo representada iconograficamente quase sempre

sozinha; e em um nível secundário, ela é a bela consorte de Viṣṇu, símbolo da pureza e da beleza.

ICONOGRAFIA INDIANA

Faremos uma breve introdução à iconografia indiana, no intuito de apresentar alguns dos elementos que surgirão posteriormente na descrição das imagens da deusa Lakṣmī.

As mais antigas e conhecidas referências às esculturas religiosas indianas aparecem em textos escritos poucos séculos antes da era cristã. A iconografia indiana passou a obedecer a regras precisas durante a dinastia Gupta (aproximadamente 300 a 700 d.C.). Considera-se que, nesse período, foi alcançado um grande refinamento, tanto dos costumes quanto das artes e da literatura (Trautmann, 2011). Acredita-se que, nesse período, a fase inicial de experimentação, livre na criação de imagens, foi seguida por uma definição sistemática, sob a forma de normas exatas para a representação das divindades, codificadas nos *Śilpa Śāstras* – tratados que estabelecem regras a serem seguidas na realização de diversas artes indianas. Também aparecem indicações importantes a respeito da iconografia indiana em outras obras, como os *Purāṇas* (tratados que apresentam a tradição mitológica hindu) e textos tântricos (Parthasarathy, I.; Parthasarathy, V., 2009).

Os *Śilpa Śāstras* são textos escritos por artistas conhecidos como *śilpins*, que se basearam na antiga tradição transmitida oralmente. Tratam da produção de imagens, arquitetura e construção de cidades. Procuram garantir que a imagem não seja simplesmente a expressão individual de um artista, mas o símbolo autêntico – o ícone – do divino. Conforme os *Śilpa Śāstras*, o *śilpin*, antes de começar um novo trabalho, submetesse a um ritual de purificação e meditação para que possa trazer e materializar com sucesso a divina imagem que viu (Eck,

1985). Neste ritual utiliza-se “versos de meditação” (*dhyāna ślokas*) que louvam e descrevem a aparência da deidade que deverá ser materializada. Assim, o *dhyāna śloka* não só fornece os cânones iconográficos aceitos referentes à deidade para ser representada, mas também é uma fonte de inspiração espiritual para o artista (Parthasarathy, I.; Parthasarathy, V., 2009).

A iconografia indiana abrange uma imensa quantidade de motivos simbólicos, principalmente ligados a temas religiosos, em que há representações de grande número de deidades, uma imensa variedade de seres sobrenaturais (como *gandharvas*, *apsaras*, *ganas*, *asuras*) e de animais sagrados que são considerados os veículos (*vāhanas*) de divindades. Todos eles são retratados em posturas e gestos derivados do simbolismo tradicional indiano e conectados com as posturas e movimentos da dança e com as técnicas da *yoga*.

As estátuas são propiciadas para fins específicos, tais como: sabedoria e crescimento espiritual (*yoga*), ganho material, prazer e realizações mundanas (*bhoga*), adquirir força e coragem e garantir a vitória em situações difíceis (*vīra*), e intenções negativas, como destruir rivais (*abhicārika*). As imagens (*mūrti*) podem ser classificadas de diversas maneiras, com base na mobilidade, na postura, qualidade, forma, emoção ou mesmo pela linguagem simbólica (Parthasarathy, I.; Parthasarathy, V., 2009). Sob o ponto de vista da mobilidade e do seu uso em rituais, elas podem ser de três tipos: imóvel (*acala*), móvel (*cala*) ou móvel e imóvel (*calācala*) – nesse último caso, para estátuas que podem ser tanto mantidas em lugares fixos quanto movimentadas. Com base em suas posturas, as imagens são classificadas em três categorias: de pé (*sthānaka*), assentada (*āsina*) e reclinada ou deitada (*śayana*). As divindades também podem ser representadas em postura de dança (*nṛtya*). Nos templos, as imagens da deusa geralmente são representadas apenas nas posturas sentada e em pé. Quando se trata de uma imagem de uma manifestação feroz (como Durgā,

a deusa guerreira), pode ser representada em postura de lutador (*ālīḍha* ou *pratyālīḍha*), que representa a deusa em um ato dinâmico, projetando seu corpo de modo a desenhar um arco, com o joelho direito avançado e a perna esquerda para trás. As imagens também apresentam diferentes qualidades (*guṇas*) e dois tipos fundamentais de emoções: suave e benevolente (*saumya*) ou feroz e horrível (*raudra*).

O ícone pode ser feito com diferentes inclinações ou curvas do corpo (*bhaṅgas*), que formam um aspecto importante da iconografia, na medida em que fornecem graça e sugerem um estado de espírito. Os ícones são realizados dentro das regras das proporções (*tālamāna*) definidas pela tradição, e cada deidade é representada portando diversas armas, símbolos, ornamentos. Muitas vezes aparecem representadas com um animal especial, considerado seu veículo (*vāhana*), que é uma coruja (*ulūka*), no caso específico de Lakṣmī. Mas ela é também representada com a águia *Garuḍa*, que é o veículo de Viṣṇu, o seu consorte; e também está associada a elefantes.

Há também diversos objetos (armas e símbolos) retratados nas esculturas e, além desses, vários gestos com as mãos (*hasta mudrā*). Muitas descrições e detalhes relativos às *hasta mudrās* são encontrados em textos como o tratado sobre dança *Nāṭyaśāstra* de Bharata, e uma obra sobre arquitetura, *Samarāṅgaṇa Sūtradhāra*. Embora os textos tradicionais se refiram a 64 gestos com as mãos utilizados na dança, apenas alguns poucos desses gestos são comumente usados na iconografia (Parthasarathy, I.; Parthasarathy, V., 2009).

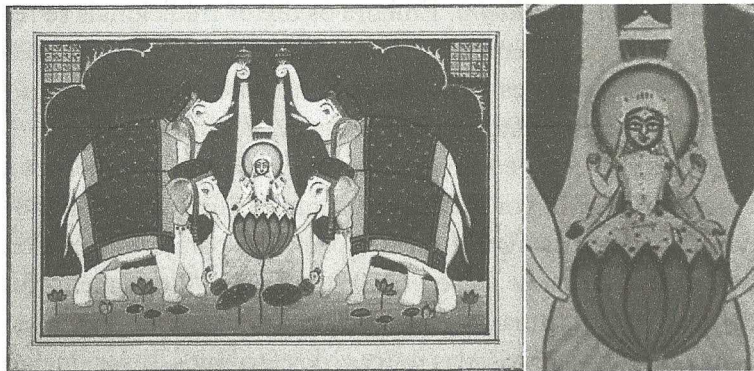
Seguindo essas e outras diversas diretrizes de elaboração, os ícones “falam”, por meio dessa complexa linguagem simbólica, transmitindo significados específicos para o espectador. Segundo Eva Rudy Jansen (2005), essa é a “linguagem dos deuses” (p. 13), uma linguagem que é transmitida por meio da postura, dos gestos, das roupas, dos atributos, pelos quais a

imagem revela o que a deidade está nos mostrando, e também qual tipo de manifestação a deidade está revelando, seja ela pacífica ou irada, e nos conta, ainda, qual história ou cena da mitologia está sendo representada. Os mesmos recursos são empregados na arte da dança indiana, cuja atuação narra, pelo movimento do corpo – braços, pernas, mudanças sutis no ângulo de uma sobrancelha, ou mesmo de um dedo –, a representação da expressão de estado de espírito, aspecto ou um ato particular de uma determinada deidade (Jansen, 2005).

ICONOGRAFIA DA DEUSA LAKSMI

Esse tema é bastante extenso, por isso nos limitaremos agora à descrição iconográfica da deusa Lakṣmī, e mais detalhadamente de duas de suas representações: assentada sobre um lótus e dançando (NṛtyaLakṣmī). São muito comuns as representações de Lakṣmī assentada sobre uma flor de lótus, fazendo gestos e segurando outros dois lótus em suas mãos (Figura 38). Muitas vezes está rodeada por elefantes, e pode estar acompanhada por um pote que representa riquezas.

Figuras 36 e 37. A deusa Lakṣmī sentada sobre um lótus
(Indian Miniature Paintings, 2013)



A iconografia da deusa Lakṣmī é complexa devido às suas inúmeras manifestações e possibilidades de representação iconográfica, além das diversas associações e símbolos desenvolvidos ao longo da tradição. Na literatura, encontramos descrições variadas das manifestações da deusa Lakṣmī, tais como esses dois exemplos provenientes do *Agni Purāṇa*: “[A imagem de] Saubhāgyā [é feita] segurando frutas nas palmas das mãos, no lado direito; [a imagem de] Lakṣmī detém o lótus na mão direita e o Śrīphala [fruta da *bilva*] na esquerda” (*Agni Purāṇa*, v. 14-15, p. 133, tradução livre). Na primeira citação acima, *Saubhāgyā* significa “a auspiciosa”, um dos epítetos de Lakṣmī. Śrī-phala é o “fruto sagrado”, associado à Lakṣmī.

Outra descrição é a do *Śāradā-Tilaka Tantram* de Lakṣmaṇa Deśikendra, uma das suas representações mais conhecidas:

Eu adoro Śrī; ela está sentada sobre o lótus, seu esplendor é como o do ouro. Ela tem a coroa brilhante sobre sua cabeça, está vestida em seda que brilha sobre as nádegas arredondadas; em duas de suas mãos ela está segurando duas flores de lótus, e com as outras duas mãos ela está fazendo os gestos de vara e abhaya (dissipar o medo). Quatro elefantes semelhantes à montanha Himālaya estão derramando néctar sobre ela, de potes de ouro erguidos com suas trombas.⁵ (*Śāradā-Tilaka Tantram*, VIII.4, p. 91, tradução livre)

4. “[The image of] Saubhāgyā [is made] as holding fruits in the folded palms on the right side; [the image of] Lakṣmī holds the lotus in the right hand and the Śrīphala [bilva fruit] in the left” (*Agni Purāṇa*, v. 14-15, p. 133).

5. “I adore Śrī; She is seated on lotus, Her effulgence is like that of gold. She has lustrous crown on her head. She is raimented in Silk which shines over her rounded buttocks. In two of her hands she is wilding two lotuses, and with the other two is making the gestures of vara and abhaya (fear dispelling). Four elephants resembling the Himālaya moutains are pouring nectar over her out of golden jars held in their uplifted trunks” (*Śāradā-Tilaka Tantram*, VIII.4, p. 91).

Esses símbolos e gestos serão descritos mais adiante.

Ela costuma ser representada de pé ou sentada em algumas posturas diferentes (Figura 38). Às vezes está sobre o lótus, em pé (*sthānaka*), em alguns casos em uma posição torcida chamada *samabhaṅga* (“torsão simétrica”), na qual o fio de prumo, ou o centro de gravidade, passa através do centro da imagem, e os pés são colocados um ao lado do outro, com o corpo dobrado em três lugares (*tribhaṅga*) – postura muitas vezes usada para sugerir graciosidade. Pode-se afirmar que o movimento

está sempre presente, mesmo em corpos que parecem ser imóveis, mas que são realmente e graciosamente dobrados na chamada postura de três curvaturas (*tribhaṅga*) que também é derivada da dança.⁶ (Bussagli, Sivaramamurti, 1971, p. 22, tradução livre)

Figuras 38 e 39. A deusa Lakṣmī em postura fácil (*sukhāsana*), de pé (*sthānaka*) em *samabhaṅga* e em postura com uma das pernas para baixo. Nas três imagens ela mostra o *abhaya-mudrā* (que representa destemor) com uma das mãos direitas, e o *varada-mudrā* (que representa dádivas ou bênçãos) com uma mão esquerda. (Sarvisidhi, 2013; Exotic India Art, 2013; The Buddha Garden, 2013).



6. “[...] is ever present, even in bodies that seem to be still but are actually gracefully bent in the so-called three-bend pose (*tribhaṅga*) that is-also derived from the dance” (Bussagli; Sivaramamurti, 1971, p. 22).

Outras vezes está assentada em “postura de lótus” (*padmāsana*): as pernas cruzadas e as solas dos pés visíveis, com o pé direito sobre a coxa esquerda e vice-versa; na “postura fácil” (*sukhāsana*): as pernas cruzadas, com os dois pés em baixo das coxas opostas; na postura “semiagachada” (*ardha-paryāṅka*): com uma perna dobrada e apoiada lateralmente no assento ou pedestal, enquanto o outro joelho está erguido e a planta do pé correspondente está apoiada; na “postura benéfica” (*bhadrāsana*, também conhecida como *Gorakṣāsana*): em que as duas plantas dos pés ficam encostadas uma à outra. Há também a “postura do herói” (*vīrāsana*), em que as duas pernas são colocadas uma ao lado da outra e a pessoa se assenta sobre elas. Há diversas variantes dessas posturas. *Vīrāsana* representa uma pessoa ou divindade que se revelou um herói na batalha contra os demônios, contra os obstáculos ou dificuldades; por isso, quando a deusa Lakṣmī é representada assim, isso reforça sua simbologia em termos de benevolência e apoio ao devoto na superação das negatividades. Em muitas imagens, as divindades são representadas com uma ou ambas as pernas pendendo do assento ou pedestal para o chão (Jansen, 2005).

ICONOGRAFIA E PRINCIPAIS SÍMBOLOS DE LAKSMI EM POSIÇÃO DE DANÇA (NṚTYA LAKSMI)

No contexto espiritual e iconográfico, a dança de uma deidade é vista como o último ato cósmico da criação ou destruição, através de seu poder divino; e como uma forma de magia, quando é um dançarino ou dançarina quem realiza a coreografia, assumindo o papel da divindade retratada em diversas *performances* de dança (Jansen, 2005). A dança empreendida pelos seres divinos exprime o ritmo de criação e destruição do universo e exalta o fluxo sagrado da vida entre esses dois polos, revelando a transitoriedade da vida. Ao mesmo tempo, a própria deidade remete à percepção do princípio imutável e indiferenciado que anima todas as vidas e que dá vida ao próprio

universo. Nesse sentido, à luz dessa concepção, a composição iconográfica das deidades adquire um significado diferente, no qual seus movimentos constituem uma exaltação da vida e da natureza (Bussagli; Sivaramamurti, 1971).

Figura 40. Lakṣmī dançarina (NṛtyaLakṣmī) – período Hoysaḷa, Halebiḍu (imagem livre de pagamento – *Royalty Free*; fotógrafo: Martin Siepmann (Agefotostock, 2013).



É pouco comum que Lakṣmī seja apresentada sob a forma de uma imagem dançando (*nṛtyamūrti*). Nesse caso (Figura 40), ela é representada apoiada e equilibrada sobre uma única perna, cujo joelho tem uma ligeira flexão, enquanto a outra perna está elevada e com o pé contra a parte interior da coxa da perna de apoio. Essa postura também recebe o nome de “semiagachada” (*ardha-paryāṅka*).

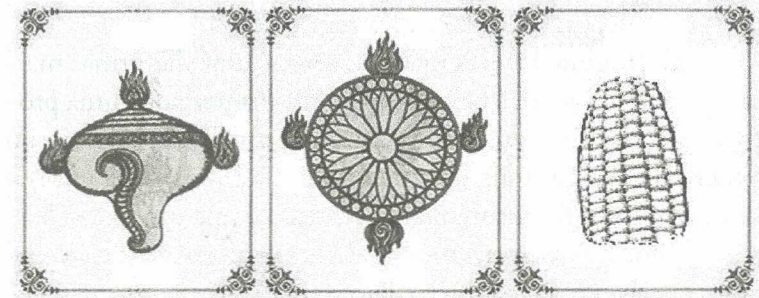
Vamos descrever uma importante escultura de Lakṣmī dançando (NṛtyaLakṣmī), do período do império Hoysaḷa (séculos X a XIV) em Karnataka, no sudoeste da Índia (Figura 40). Ela é representada na postura da dança (*nṛtya*), com seis braços, segurando duas armas: um disco (*cakra*, arma associada a Viṣṇu) e uma maça (*gada*); uma concha (*śaṅkha*); uma fruta com muitas sementes que se assemelha a uma espiga de milho; uma das mãos exibe o gesto que significa admiração (*vismaya hasta*) e aqui pode representar a grandiosidade da própria deusa; a sexta mão está danificada (Parthasarathy, I.; Parthasarathy, V., 2009). Supomos que essa última mão que foi perdida executava o gesto do elefante (*gaja hasta*), visto que as demais deidades do templo retratadas por imagens em postura de dança (*nṛtyamūrti*), geralmente, realizam ambos os gestos – *vismaya* e *gaja mudrā*.

O local no qual se encontra essa representação de Lakṣmī dançando (NāṭyaLakṣmī ou NṛtyaLakṣmī) é o templo de *Hoysaḷeśvara*, dedicado ao deus hindu Śiva. Foi construído no local atualmente denominado Halebiḍu (“cidade dos mortos”), no atual estado de Karnāṭaka, na Índia, durante o reinado do rei Viṣṇuwardhana do império Hoysaḷa. A sua construção foi iniciada no ano de 1.141 d.C., durou mais de quarenta anos e parece não ter sido totalmente concluída (Evans, 1997). O templo de *Hoysaḷeśvara* (nome que significa “Senhor dos Hoysaḷa”) é conhecido por milhares de esculturas distribuídas ao longo da parede exterior, com frisos horizontais retratando animais e pássaros, como elefantes, leões, cavalos, monstros marinhos (*makaras*), cisnes (*hamsas*), trepadeiras, desenhos florais; e também representação de dançarinos, músicos e instrumentistas, além de histórias dos épicos (representações da mitologia hindu), com uma esplêndida variedade de esculturas em pedra. Há um total de 240 imagens de deidades masculinas e femininas (*devas* e *devīs*). Consta que nenhum outro templo

indiano retrata tantos episódios dos épicos hindus (*Karnāṭaka* e *Mahābhārata*); essa sequência de cenas dos épicos foi distribuída em sentido horário, começando na entrada principal e contornando o templo, no sentido da circunambulação realizada pelos devotos. Não há duas esculturas iguais nesse templo, reforçando seu caráter estético inigualável.

A Lakṣmī dançarina (NṛtyaLakṣmī) está inserida em um friso horizontal, que tem vários nichos com diversas outras deidades, muitas delas também em postura semelhante. Ela realiza um movimento de dança (*nṛtya*), elevando a perna direita enquanto sua perna esquerda está firmemente colocada no chão. Sobre sua cabeça há uma decoração com um padrão de folhas provenientes da árvore sagrada, símbolo do poder cósmico (Jansen, 2005). Está enfeitada com colares, tornozeleiras (*nūpura*), anéis nas mãos (*angūṭhi*) e anéis de pés (*pādāṅgulīyaka* em sânscrito, conhecidos popularmente como *bichua*); seus braços são adornados com pulseiras cravejadas de pedras preciosas (*ratna-kaṅkaṇas*), tem ornamentos na cintura e no peito, e outros atributos, como uma coroa (*karaṇḍa-mukūṭa*). Trata-se de uma coroa pequena, que indica que a deidade que a está vestindo tem uma posição subalterna no panteão (Jansen, 2005). Isso se justifica, no contexto do templo de *Hoysalesvara*, pois tal templo é dedicado a Śiva e não à deusa Lakṣmī. Veremos os objetos simbólicos (Figura 41) e gestos com as mãos (*hasta mudrās*, Figura 43) dessa NṛtyaLakṣmī, separadamente.

Figuras 41 a 43. Roda (*cakra*), concha (*śaṅkha*), espiga ou fruta com muitas sementes. (Temple Survey Project (N.R.), Bhopal - Archaeological Survey of India, 2013; Imagem da Autora).



Cakra (Figura 42) – Palavra que significa roda ou disco, é uma arma portada por algumas deidades como Viṣṇu, mas originalmente representava o Sol e também se tornou o símbolo do ciclo de vida e morte. É descrita frequentemente como uma roda com raios, mas também como um disco ou um Sol (Jansen, 2005). Em alguns contextos, como no Budismo, o *cakra* simboliza a roda da lei (*dharmā*) posta em movimento (Bhattacharyya, 1999).

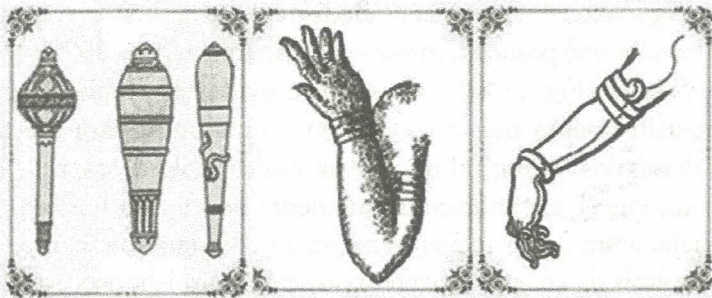
Śaṅkha (Figura 41) – A concha é usada em rituais e como um instrumento musical; seu som é uma arma para afastar os demônios. A espiral da concha é o símbolo do espaço infinito, que se expande constantemente no sentido horário. A concha é um dos principais atributos de Viṣṇu; no entanto, se as espirais da concha estiverem no sentido anti-horário, as leis da natureza estão invertidas e então a concha representa Śiva (Jansen, 2005). Trata-se de um símbolo de onipresença, visto que o som vibra através da concha e penetra em toda parte, em todas as direções (Bhattacharyya, 1999).

Fruta com muitas sementes, ou espiga (Figura 43) – Remete à alimentação, prosperidade, riqueza material. No *Śrī Sūktam* dos *Vedas*, a deusa Śrī-Lakṣmī já era associada à abundância de alimentos e à vegetação (Sharma, 2001). Uma das manifes-

tações de Lakṣmī é como a deusa do grão (DhānyaLakṣmī), o que reforça essa sua representação como uma fruta com muitas sementes. A deusa está associada ao alimento, ao arroz e à prosperidade, principalmente na região rural.

Gada (Figura 44) – A maça ou clava é uma das armas mais antigas portadas pelas deidades hindus. Proporciona uma proteção para o utilizador e é, ao mesmo tempo, um símbolo do poder das leis naturais e do tempo que destrói tudo em seu caminho. Ela é frequentemente retratada como um pilão (Jansen, 2005). Lakṣmī, em muitas de suas representações, exhibe tanto a maça (*gada*) quanto o disco (*cakra*), armas normalmente associadas ao seu par cósmico Viṣṇu.

Figuras 44 a 46. Maça ou clava (*gada*), gesto de espanto (*vismaya-mudrā*) e gesto do elefante (*gaja-mudrā*). (Temple Survey Project (N.R.), Bhopal - Archaeological Survey of India, 2013; Simbolismo, Heráldica, Iconografia, 2013).



Vismaya-mudrā (Figura 45) – Gesto de surpresa ou admiração, também sugere espanto. Quando uma divindade o faz, indica que está reconhecendo a superioridade de outro *deva* ou *devī* que está presente (Jansen, 2005; Ramm-Bonwitt, 1987). Várias outras deidades do templo de *Hoysalesvara* executam essa *mudrā*, o que indica que todas elas reconhecem a superioridade de Śiva, o senhor desse templo. Segundo Pedro Kupfer (1999), *vismaya*

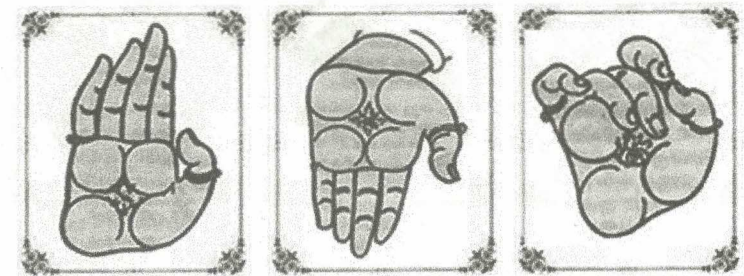
representa diversas emoções, sendo considerado uma das nove essências (*rasa-s*) da dança, utilizado pelo dançarino para evocar tais sentimentos e dar sentido e expressão ao movimento.

Gaja-mudrā (Figura 46) – Gesto do elefante: o braço é esticado na diagonal em frente ao peito com os dedos apontando para baixo. Simboliza uma tromba de elefante: é um sinal de força e poder (Jansen, 2005; Ramm-Bonwitt, 1987). Também sugere um convite ao espectador, de participação na dança da vida.

OUTROS SÍMBOLOS ASSOCIADOS À ICONOGRAFIA DE LAKSMI

A deusa Lakṣmī surge em algumas representações com até dezoito braços, tendo, portanto, dezoito diferentes símbolos e gestos. Dentre esses diversos elementos, selecionamos três *hasta mudrās* (Figuras 47 a 49) e três objetos simbólicos (Figuras 50 a 52) que costumam aparecer na sua tradicional imagem, sentada sobre uma flor de lótus, segurando dois lótus em duas de suas mãos.

Figuras 47 a 49. Gestos de destemor (*abhaya mudrā*), de doação ou bênção (*varada mudrā*) e gesto de segurar uma haste (*kaṭaka mudrā*). (Temple Survey Project (N.R.), Bhopal - Archaeological Survey of India, 2013).

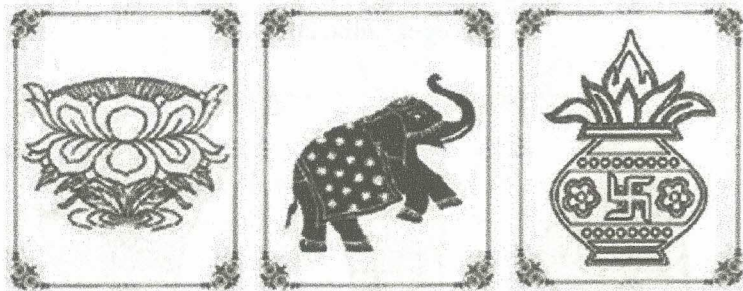


Abhaya mudrā – Gesto de destemor. A mão direita com a palma voltada para frente simboliza a concessão de proteção, afastando o medo e a hesitação; indica também bênção e segurança (Jansen, 2005; Ramm-Bonwitt, 1987). A deusa concede proteção ao devoto, protegendo-o do medo e das negatividades.

Varada mudrā – Gesto de doação ou bênção. A mão esquerda, com os dedos apontando para baixo, com uma palma da mão aberta e virada para frente, para o espectador, indica que a deidade está disposta a conceder um desejo ou uma bênção (Jansen, 2005; Ramm-Bonwitt, 1987).

Kaṭaka mudrā – Gesto de segurar uma haste (como de uma flor). O polegar toca a ponta do indicador, os dois dedos seguintes são dobrados sobre a palma da mão, em direção à base do polegar, semelhante às orelhas de um leão. Essa *mudrā* é muitas vezes apresentada em ícones da deusa, tipicamente para segurar um lótus ou alguma outra flor (Ramm-Bonwitt, 1987). Segundo Jansen, essa *mudrā* convida o devoto a fazer o oferecimento de uma flor (*puṣpa pūjā*) à deusa (Jansen, 2005).

Figuras 50 a 52. Flor de lótus (*padma*), elefante (*gaja*) e pote ou jarro (*kalaśa*) (Temple Survey Project (N.R.), Bhopal - Archaeological Survey of India, 2013).



Lótus (*padma*) – A lótus é um atributo associado geralmente às deusas, considerado como trono da divindade, e sim-

boliza pureza, beleza e frescor na criação que se renova eternamente (Ramm-Bonwitt, 1987). Cada parte e estágio dessa planta aquática tem seu próprio significado. Haste: toda a vida vem da água; folha: a terra fértil; flor: o colo da mãe; botão: a virgindade; flor aberta: o sol. A flor inteira simboliza beleza, felicidade e eterna renovação; o trono dos deuses é uma flor de lótus. Como um atributo, o lótus é retratado principalmente com *Sūrya* (o Sol), Viṣṇu e Lakṣmī, sendo geralmente descrito no norte da Índia como uma flor aberta, e no sul da Índia, como um botão fechado (Jansen, 2005).

No *Śrī Sūktam*, um hino proveniente do *Rg Veda*, a deusa já era identificada como Śrī e Lakṣmī, e ali ela é descrita e celebrada com todas as características que a situam no período “clássico” tardio da mitologia e da arte hindu como a “deusa Lótus”, Padmā (Zimmer, 2002). Ela é descrita e associada ao lótus de diversas formas: a nascida do lótus (*padma-sambhavā*), a que está de pé sobre o lótus (*padmeṣṭhitā*), a que tem a cor do lótus (*padma-varṇa*), a das coxas de lótus (*padma-ūrū*), a dos olhos de lótus (*padmākṣī*), a abundante em lótus (*padmiṇī, puṣkarniṇī*), a enfeitada com grinalda de lótus (*padma-mālīṇī*), dentre outras enumeráveis formas (Zimmer, 2002, p. 78). Zimmer desenvolve um estudo detalhado das associações existentes entre Lakṣmī e o lótus, e os desdobramentos e associações posteriores nos quais o lótus passa a ser o assento de outras deidades e o símbolo da sabedoria.

Vasudha Narayanan também comenta sobre essa associação entre Śrī e o lótus, que consiste no fato de que ambos são considerados puros e auspiciosos (*kalyāṇa, maṅgala*). Embora Śrī seja onipresente, latente em tudo, ela se manifesta especialmente em lugares auspiciosos, sendo o próprio lótus um grande exemplo (Narayanan, 1996).

Elefante (*Gaja*) – Os elefantes são associados a diversas qualidades, como força, riqueza, equanimidade (Jansen, 2005). No *Śrī Sūktam*, diz-se que a deusa Śrī (Lakṣmī) se de-

leita com o alarido dos elefantes. Śrī e os elefantes são associados às chuvas fertilizantes, à abundância. Śrī é considerada a força da vida ou a própria existência da seiva, e está estreitamente relacionada com a potência da fertilização das chuvas.

Há um mito segundo o qual os elefantes voam, mas perderam esse poder porque foram amaldiçoados por um sábio (*Dirghatamas*). Este ficou com raiva após eles terem pousado na árvore debaixo da qual estava meditando, quebrando os galhos, que caíram sobre sua cabeça. Os elefantes do céu perderam suas asas por causa dessa maldição e tornaram-se presos à terra, mas se mantiveram associados às nuvens, e acreditava-se que sua simples presença assegurava a chuva. O elefante também era um sinal da autoridade real associada à Indra, o rei dos deuses no período védico, que tinha o elefante como seu veículo (*vāhana*). Indra empunhava um raio como arma, o que era considerado também um prenúncio de chuva. Nesse contexto, a associação de Śrī com elefantes enfatiza sua estatura real e sua capacidade de inspirar o crescimento. Os elefantes geralmente são mostrados flanqueando a deusa, segurando jarros e aspergindo néctar sobre ela (Parthasarathy, I.; Parthasarathy, V., 2009). Há diferentes lendas para a origem dos elefantes do céu e da terra, mas uma delas, em especial, está associada ao célebre mito da “batedura do oceano de leite”, do qual surgem a deusa Lakṣmī, o elefante *Airāvata* branco como o leite e Dhanvantari, o médico dos deuses, portando um pote com o elixir da imortalidade (*amṛta*) (Zimmer, 2002). Daí resultam muitas dessas associações simbólicas e mitológicas estabelecidas entre Lakṣmī, os elefantes e o néctar (*amṛta*).

Kalaśa – A palavra *kalaśa* significa pote ou jarro. Na mitologia, trata-se de um pote de ouro contendo o néctar da vida eterna (*amṛta*) e simboliza abundância, sabedoria e imortalidade (Jansen, 2005). Esse pote, nas representações de Lakṣmī, aparece muitas vezes contendo moedas de ouro, e em outras

contendo *amṛta*; há, em muitos casos, folhas de *bilva* e um coco, ressaltando assim a simbologia da abundância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Índia, como em outros lugares do mundo, a dança surgiu como uma atividade estreitamente ligada à religião, sendo praticada em festivais religiosos e em templos, representando diversas divindades por meio de seus gestos e movimentos. Ao contrário de outras culturas, a indiana conservou essa conexão, e a dança tradicional e a folclórica continuam a manter fortes vínculos com a mitologia hindu.

Não é possível se aprofundar na compreensão da dança indiana sem explorar essas dimensões religiosas, mitológicas, simbólicas. Este texto é uma contribuição para isso, analisando de forma mais detalhada o simbolismo da iconografia da deusa Lakṣmī. A conexão entre essa divindade e a dança é pouco conhecida, ao contrário de outros casos da tradição indiana. Ao se realizar a pesquisa para o presente texto, constatou-se que há um rico e detalhado material sobre Śiva, o dançarino divino que realiza a “dança da destruição” e criação do universo; há também uma vasta produção sobre as danças de Kṛṣṇa e suas *gopīs*. Porém, muito pouco se fala sobre as demais deidades indianas e a dança. Foi por esse motivo que se desenvolveu este estudo sobre a deusa Lakṣmī, que possui uma rica simbologia e iconografia, e que também é retratada na tradição indiana em posturas de dança, demonstrando sua conexão com os ritmos cósmicos da criação.

REFERÊNCIAS

AGEFOTOSTOCK. Imagem de Lakṣmī dançarina (Nṛtya Lakṣmī). Disponível em: <<http://www.agefotostock.com/age/ingles/isyc02.asp>>. Acesso em: 25 out. 2013.

AGNI PURĀṆA M. Traduzido e comentado por N. Ganga-dharan. Delhi: Motilal Banarsidass, 1984. 4 vols.

ALBANESE, Marilia. *Grandes civilizações do passado: Índia antiga*. Barcelona: Folio, 2006.

ART AND ARCHEOLOGY. Imagem de Bharhut, da deusa Lakṣmī em pé entre elefantes. Disponível em: <<http://www.art-and-archaeology.com/india/calcutta/cm02.html>>. Acesso em: 8 nov. 2013.

BEANE, Wendell Charles. *Myth, cult and symbols in Śākta Hinduism*. New Delhi: Munshiram Manoharlal, 2001.

BERGER, Peter; HEIDEMANN, Frank. *The modern anthropology of India: ethnography, themes and theory*. New York: Routledge, 2013.

BHARATKALYAN. Imagem de uma moeda do reinado de Azilises, com a deusa Lakṣmī em pé entre elefantes. Disponível em: <<http://bharatkalyan97.blogspot.com.br/2011/10/two-gaja-lakshmi-stone-sculpture-reliefs.html>>. Acesso em: 8 nov. 2013.

BHATTACHARYYA, Narendra Nath. *A glossary of Indian religious terms and concepts*. New Delhi: Manohar, 1999.

_____. *History of the Śākta religion*. New Delhi: Munshiram Manoharlal, 1996.

BUSSAGLI, Mario; SIVARAMAMURTI, Calembus. *5000 years of the art of India*. New York: Harry N. Abrams Inc., 1971.

COOMARASWAMY, Ananda; DUGGIRALA, Gopala Kristnayya. *The mirror of gesture. Being the Abhinaya Darpaṇa of Nandikeśvara*. Delhi: Munshiram Manoharlal, 2003.

DESCUTNER, Janet W. *World of dance: Asia dance*. New York: Chelsea House, 2010.

DEVI, Ragini. *Dance dialects of India*. Delhi: Motilal Banarsidass, 2002.

ECK, Diana L. *Seeing the divine image in India*. Delhi: Motilal Banarsidass, 2007.

EVANS, Kirsti. *Epic narratives in the Hoysāla temples: the Karnāṭaka, Mahābhārata, and Bhāgavata Purāṇa in Halebīd, Belūr, and Amṛtapura*. Leiden: Brill, 1997.

EXOTIC INDIA ART. Imagem da deusa Lakṣmī de pé (sthānaka) em samabhaṅga. Disponível em: <<http://www.exoticindiaart.com/product/sculptures/goddess-lakshmi-as-padmavati-RV24/>>. Acesso em: 25 out. 2013.

FLUECKIGER, Joyce Burkhalter. *Gender and genre in the folklore of middle India*. New York: Cornell University, 1996.

GONDA, Jan. *Les religions de l'Inde. 1. Védisme et hindouisme ancien*. Paris: Payot, 1979.

INDIAN MINIATURE PAINTINGS. Imagem da deusa Lakṣmī sentada sobre um lótus. Disponível em: <http://www.indianminiaturepaintings.co.uk/Jaipur_Lakshmi_264-31110.html>. Acesso em: 25 out. 2013.

JANSEN, Eva Rudy. *The Hindu books imagery of gods, manifestations and their meaning*. Delhi: New Age Books, 2005.

KUPFER, Pedro. *Mudrá, gestos de poder*. Florianópolis: Dharma, 1999.

NARAYANAN, Vasudha. Śrī giver of fortune, bestower of grace. In: HAWLEY, John Stratton; WULFF, Donna Marie. *Devī – goddesses of India*. California: University of California Press, 1996.

PARTHASARATHY, I.; PARTHASARATHY, V. R. *Devi. Goddesses in Indian art and literature*. Delhi: Bharatya Kala Prakashan, 2009.

RAMM-BONWITT, Ingrid. *Mudrās. As mãos como símbolo do Cosmos*. São Paulo: Pensamento, 1987.

RHODES, Constantina. *Invoking Lakshmi. The goddess of wealth in song and ceremony*. New Delhi: Devi Publishers, 2012.

SAFARMER. Imagem de Bharhut, da deusa Lakṣmī em pé entre elefantes. Disponível em: <<http://www.safarmer.com/Bharhut.jpg>>. Acesso em: 8 nov. 2013.

ŚĀRADĀ-TILAKA TANTRAM. Tradução de Desikendra, Lakṣmana. New Delhi: Sri Satguru Publications, 2002.

SARVSIDHI. Imagem da deusa Lakṣmī em postura fácil (*sukhāsana*). Disponível em: <http://www.sarvsidhi.com/chaisha_details.php?id=14>. Acesso em: 25 out. 2013.

SHARMA, Bulbul. *The book of Devī*. Delhi: Penguin Books, 2001.

SIMBOLISMO, HERÁLDICA, ICONOGRAFIA. Imagem do gesto de espanto (*vismaya-mudrā*) e gesto do elefante (*gajamudrā*). Disponível em: <<http://www.simbolarium.ru/iconography/hinduism/symbol/hastas.htm>>. Acesso em: 25 out. 2013.

TEMPLE SURVEY PROJECT (N.R.), BHOPAL – ARCHAEOLOGICAL SURVEY OF INDIA. Imagens dos Gestos de destemor (*abhaya mudrā*), de doação ou bênção (*varada mudrā*), gesto de segurar uma haste (*kaṭaka mudrā*), da Roda

(*cakra*), da concha (*śaṅkha*), da Maça ou Clava (*gada*). Disponível em: <http://www.tspasibhopal.nic.in/iconography/iconography_of_poster.html>. Acesso em: 25 out. 2013.

THE BUDDHA GARDEN. Imagem da deusa Lakṣmī em postura com uma das pernas para baixo. Disponível em: <<http://www.thebuddhagarden.com/lakshmi-statues.html>>. Acesso em: 25 out. 2013.

THE COIN GALLERIES. Imagem de duas moedas Gupta de Lakṣmī assentada. Disponível em: <<http://coinindia.com/galleries-kumaragupta.html>>. Acesso em: 8 nov. 2013.

TRAUTMANN, Thomas R. *India: brief history of a civilization*. New York: Oxford University Press, 2011.

WANGU, M. B. *Images of India goddesses. Myths, meanings and models*. Delhi: Abhinav Publications, 2003.

ZIMMER, Heinrich. *Mitos e símbolos na arte e na civilização da Índia*. São Paulo: Palas Athena, 2002.